

Entre altos e baixos, uma trajetória de respeito

Realizada em 1991, a primeira Bienal Internacional de Quadrinhos do Rio de Janeiro foi, também, a chance de Lobo mergulhar no universo das HQs. Ali, teve contato com grandes nomes da arte sequencial, tanto do Brasil quanto do exterior.

“Atendia o telefone e, do outro lado da linha, estavam Will Eisner, Frank Miller! Conheci Laerte, Angeli, Glauco, os caras todos. E Flavio Colin, que, para mim, é o maior quadrinista de todos os tempos”, exalta.

Como era preciso pagar as contas, seguia fazendo bicos no mercado publicitário. Mas sem abandonar os quadrinhos jamais: em 2003, ao lado de Renato Lima, fundou a *Mosh!*, revistinha com temática voltada ao rock’n’roll.

Mesmo tendo apenas 12 edições, a publicação marcou época por abrir espaço para nomes emergentes dos quadrinhos. E,

apesar de não ser exatamente um sucesso de vendas (“custava R\$ 3,00, mas tinha quem achasse que era de graça; acabamos produzindo shows e incluímos a revista no valor do ingresso”), a *Mosh!* ganhou o HQ Mix de melhor publicação independente, em 2005, e de melhor publicação Mix, no ano seguinte. Para Lobo, trouxe visibilidade e a chance de trabalhar na Desiderata, onde editou livros de autores como Milôr Fernandes.

Após mais um período na publicidade, começou a planejar sua primeira investida própria: a Barba Negra. Operando com o suporte do grupo português LeYa, a editora teve vida curta, mas gerou obras de alta qualidade, como *Morro da Favela*, de André Diniz.

“A Barba Negra foi uma aventura muito louca. Havia grana no começo, mas depois a coisa ficou instável e, quando se instalou



Interesse por personagens à margem motivou Lobo a escrever suas histórias

uma crise financeira na Europa, em 2012, foi o fim”, explica.

Desanimado, com dificuldades financeiras e problemas familiares, Lobo resolveu morar em Porto Alegre, onde começou a ministrar cursos de autopublicação. Um dos alunos foi o paraense Gidalti Jr., que queria produzir seu primeiro livro, *Castanha do Pará*. “No fim, ele viu que não curtia fazer nada daquilo e me perguntou se não poderia editá-lo.”

Em paralelo, Lobo busca-

va se firmar como autor. Começou a vender *Copacabana* para o exterior – saiu na França e em Portugal – e foi convidado para o Salão do Livro de Paris, em 2015. “Quando voltei, comecei a trabalhar no livro do Gidalti de forma independente; inscrevemos *Castanha do Pará* no Jabuti e acabamos ganhando, em 2017, o prêmio de melhor quadrinho, na estreia da categoria”, lembra.

Segundo Gidalti, Lobo teve um papel fundamental na con-

quista, pois foi o primeiro editor a pegar seu material bruto e lapidar. “Além de transmitir fundamentos do mercado editorial, ele conseguiu direcionar minha pesquisa gráfica e estética, ajudando no desenvolvimento do trabalho”, afirma.

O quadrinista também considera Lobo um editor ousado, que aposta em projetos de risco, tanto no conteúdo quanto na forma: “Esse lado destemido dele permite que novos autores venham à luz”.

Autor de *Deslizando pro inferno*, Rodrigo Geraldini conheceu Lobo há apenas três anos, quando, “contra qualquer evidência razoável”, foi convidado para trabalhar na Brasa. Para ele, Lobo edita de um jeito raro, se empolgando até mesmo com detalhes que o próprio autor ainda não viu.

“Tudo passa por esse olhar sensível e rigoroso, sempre em busca do melhor livro possível, sem vaidade e com os pés fincados no chão. É uma das pessoas mais generosas que conheci e, na minha opinião, o melhor editor de conteúdo do País”, elogia o cartunista.

Quatro obras para entender o trabalho de Lobo como editor

Pedimos a Lobo que apontasse as obras que melhor sintetizam seu trabalho como editor. Ele escolheu algumas e explicou por que deixou outras de fora:

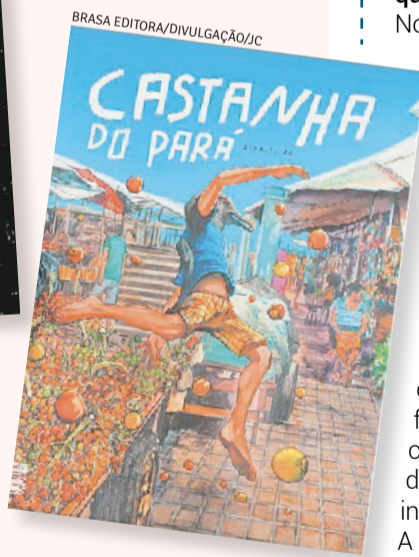
“Considero que minha edição em *Copacabana* foi fraca – vejo muitos problemas no livro. Não vou citar *Lovistori* porque, como fui o roteirista, preferi ter outro editor, o Lielson Zeni. Já *Brega Story* vejo como uma evolução do trabalho do Gidalti Jr. Em *Castanha do Pará*, ele ainda estava um pouco perdido. Aqui, ele já tinha compreendido qual era o lugar dele.”

■ *Morro da Favela*, de André Diniz – “Foi quando entendi que sabia editar, tive um verdadeiro senso de realização. Até então, me achava um farsante.”

■ *MPQ (Música Popular em Quadrinhos)*, vários autores – “Na verdade, esse projeto (uma coleção de histórias inspiradas em grandes sucessos da MPB) começou com letras do Marcelo Yuka (ex-baterista de O Rappa), ainda na Barba Negra, mas o livro original acabou engavetado. É um trabalho do qual tenho muito orgulho.”

■ *Barrela*, de Plínio Marcos, adaptado por João Pinheiro – “Publicar essa adaptação foi a realização de um sonho.”

■ *Castanha do Pará*, de Gidalti Jr. – “Um trabalho que ganhou o Jabuti, competindo com gente muito mais experiente. Para mim, foi um ponto de virada.”



Um amigo, um irmão

Por Caco Xavier, quadrinista

Lobo é meu irmão, daqueles que a gente escolhe.

Nos conhecemos nas etapas de preparação da 1ª Bienal Internacional de Quadrinhos, em 1991, no Rio. Ele chegou como “estagiário”, só porque queria estar naquele ambiente. Eu também era jovem, atuava como curador das exposições. A gente costuma dizer que aquele foi o “Woodstock dos quadrinhos”: veio todo mundo, foi mágico, impactou a cena cultural por décadas e, claro, deixou dívidas, lembranças inigualáveis e eternas amizades. A partir daí, fomos descobrindo afinidades, embora estivéssemos em momentos de vida quase sempre diferentes. Somos grandes parceiros de tantos projetos fracassados, e também de gloriosas lutas inglórias. Fizemos alguns quadrinhos juntos, organizamos oficinas para crianças e chegamos até a ganhar o primeiro

prêmio no Salão Carioca de Humor (por *Bingulu, o homem mais engraçado do mundo*). Vivemos em cidades diferentes há muitos anos. Mas sempre segui acompanhando sua trajetória, de designer-roteirista até a concretização maior de suas habilidades, conhecimentos e práticas. À frente da Brasa, Lobo tornou-se um dos melhores – se não o melhor – editor de quadrinhos do Brasil. Vê-lo ativando essa usina de excelentes publicações e subindo ao palco do HQ Mix para receber prêmios de Melhor Editora do Ano não tem preço! Por coincidência, acabo de voltar de Porto Alegre, onde participei do lançamento de *Vila-Velha* (roteiro meu com desenho de Flavio Colin), na Zine Livraria. Foi uma ótima oportunidade de revê-lo e colocar a conversa em dia, ainda mais que havíamos privado juntos da amizade do mestre Colin, no início dos anos 1990. Tenho muito orgulho desse meu amigo-irmão. E seguimos com os planos diários de dominação do mundo (dos quadrinhos)!



Daniel Sanes é jornalista formado pela Universidade Católica de Pelotas. Já foi repórter e editor no *Jornal do Comércio*. Hoje, trabalha na *República – Agência de Conteúdo* e atua como freelancer.